

Um filme, um livro e uma imagem – os impactos dos cursos de graduação em História da UFU em minha formação

Miguel Rodrigues de Sousa Neto¹

¹ Doutor em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Professor Adjunto do Curso de Graduação em História do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Coordenador do Laboratório de Estudos em Cultura & Diversidade, Política & Sexualidade.

Ingressei nos cursos de graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia em meados do ano de 1997. Havia encerrado meus estudos secundários no ano anterior e feito vestibular para outro curso, Direito – eu já trabalhava há alguns anos em um escritório de advocacia e era incentivado a buscar formação universitária na área. Não obtendo êxito naquele momento, me inscrevi no vestibular seguinte para o curso que eu imaginava ter de fato interesse, História.

Sair dos bancos escolares da rede pública da Educação Básica de Uberlândia e me juntar aos demais discentes naquela turma de julho de 1997 – uma das últimas turmas de meio de ano do curso, que teria apenas uma entrada por ano, em dois turnos – foi, certamente, uma das experiências mais significativas para mim, naquele momento e ainda hoje, não apenas de uma perspectiva profissional, mas integral.

Não que tivesse más recordações do Ensino Fundamental (na Escola Estadual Padre Mário Forestan) ou do Ensino Médio (na Escola Estadual Guimarães de Freitas Costa, o Polivalente), não. Já naquele momento avaliava minha formação básica como muitíssimo satisfatória, e não porque imaginasse que era o que bastava para alguém que integrava as camadas populares, mas por ter gostado da maior parte do que vivi nas duas escolas pelas quais passei, convivendo com gente interessante, ao meu lado e à frente das salas. E, quando olho em retrospecto, percebo ali já uma

grande afinidade com grande parte do corpo docente de ambas as escolas, talvez já uma aproximação com a docência, parte do que eu buscaria alguns anos depois.

Não havia como esperar o impacto que o Bloco H do Campus Santa Mônica e suas gentes teriam sobre mim. Nos primeiros dias o senso comum no qual meu pensamento estava inserido começou a ser desconstruído. A ideia de uma história linear, feita por indivíduos exemplares, foi dando lugar a uma série de questionamentos sobre como “fazer” História. Isso se dava nas mais distintas disciplinas, desde a Introdução aos Estudos Históricos, ministradas por Antônio Almeida, até as insólitas aulas de Análise do Discurso do professor Manoel Cardoso. Era simplesmente impossível continuar pensando da mesma maneira. Era impossível manter o olhar sobre o mundo tão naturalizado quanto havia estado até aquele momento.

Nos corredores, o diálogo continuava. Fomos recebidos pelos colegas do Centro Acadêmico, atuante naquele momento, com uma programação que incluía palestras, debates políticos, copos de vinho. Parecia a mim, naquele momento, muito natural que as pessoas se envolvessem de maneira mais orgânica naquele espaço – que transbordava das salas para os corredores, dos corredores para os gramados, dos gramados para outros blocos, outros campi –, com aquelas pessoas. Nas salas de aula e fora delas, o envolvimento mais profundo com o “outro” foi um

dos maiores aprendizados.

Permaneci nos cursos do Instituto de História por doze anos, entre a graduação (o Bacharelado, depois a Licenciatura), o mestrado e o doutorado. Em todo esse período pude desenvolver uma formação que considero sólida, a partir das atividades de ensino e pesquisa realizadas pelos docentes do Instituto de História e do convívio com colegas e amigos do curso, especialmente. Naquele período a área de História passava por uma mudança no país, com a introdução e expansão da História Cultural na produção brasileira. Uma geração formada a partir do materialismo histórico dialético, dos estudos demográficos ou da história política em sua versão tradicional começava a defender suas teses em outros campos da História. Isso se apresentava também nos quadros dos cursos de História da UFU.

Assim, posso afirmar que minha formação esteve baseada na construção do discurso histórico, não no aprendizado de “fatos” já previamente consensuados (o que me tornaria um mero repetidor); ela passou pela ampliação das fontes, incluindo ali as de natureza estética, objeto dos diálogos estabelecidos no Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura; e por uma mudança de perspectiva, elaborando um olhar sobre os grupos sociais alijados na história objetiva, vivida pelos indivíduos, e em uma parte significativa daquela produzida pela academia, elemento permanente da orientação de Vera Lúcia Puga em meu doutoramento.

Posteriormente, quando cursava o doutorado, fui também docente dos cursos de graduação em História, matutino e vespertino. Mais uma vez, uma experiência riquíssima. Tive a sorte de ser lotado em disciplinas que auxiliaram em minha formação intelectual e pude ministrar disciplinas optativas de ementa aberta, o que significava, na prática, que eu tinha uma liberdade enorme em minhas escolhas temáticas e teórico-metodológicas. Criar um curso e dialogar naquelas salas com 40, 50, até 80 discentes foi uma parte espetacular de minha formação como docente.

Se nos primeiros dias nesse curso fui apresentado a um tipo de diálogo político – aquele realizado pelo Centro Acadêmico –, em todo o tempo em que estive no Instituto de História, como discente e como docente, pude perceber a inserção nos debates políticos – internos e externos – como uma ação constante. Parece-me que, naquele momento, construir um pensamento autônomo do ponto de vista intelectual levasse também à construção de uma autonomia referente à prática política, apresentada nos debates públicos constantes, fossem nos órgãos colegiados, fossem nas salas de aula ou nos cafés e corredores.

Visitar essas minhas memórias do período em que estive ligado aos cursos de História da Universidade Federal de Uberlândia e avaliar, de alguma maneira, o que ali vivi, faz ater-me a algumas lembranças, muito especiais, pensando

“– Muito bem, o que ficou?”.

A primeira delas é um filme. Eu não o assisti nas aulas, mas com alguns dos amigos encontrados ali, naquelas salas e naqueles corredores. Assistir “A excêntrica família de Antônia” (*Antonia*. Direção de Marleen Gorris, Países Baixos, 1995.) foi libertador por perceber ali, por meio da fruição estética, não da razão, a possibilidade de construir caminhos e afetos que ultrapassassem os padrões facilmente disponibilizados. Construir relações profundas e parentalidades não consanguíneas se tornou factível a partir daquele momento – e isso permaneceu em mim.

Outra relevante é um livro. Posso ser óbvio, mas justifico. Trata-se de “Apologia da História ou O ofício do historiador”, de Marc Bloch. Retomei a obra em diversas oportunidades e ainda a utilizo em algumas das disciplinas que ministro. Sei de sua importância como libelo da história no século XX. Sei em que condições foi produzida. Conheço suas frases de efeito – como são boas! Mas, não é isso que retomo. O que minha memória guarda é o fato de podermos construir conhecimento histórico de maneira coletiva. Não uma “escola”, mas um conjunto de indivíduos que, perto ou não, consegue dialogar e produzir a daí. Isso também permaneceu.

Certamente, porém, o que mais forte se apresenta a mim, sobretudo mais recentemente, é que, nos corredores e salas dos cursos de História da UFU, como discente, docente ou visi-

tante, vislumbro uma figura tornada opaca nesse “olho do furacão” no qual estamos: a do intelectual. Um sujeito que estuda, observa o corpo social e que está inserido neste mesmo corpo. Um sujeito que tem clareza de que sua observação precisa levar a algum tipo de intervenção. Um intelectual no seu sentido mais amplo, de alguém que ocupa um lugar nos debates públicos. Foi ali que eu vi pela primeira vez e muitas outras esse sujeito. De tudo o que vi ali, é disso que não quero me esquecer e que tento me lembrar todos os dias para, na minha estatura possível, sê-lo.